

# 'Pretendem desestabilizar o governo'

GAZETA MERCANTIL

12 NOV 1988

por José Casado de Punta del Este

O presidente José Sarney está convencido de que existem, no País, forças políticas que conspiram para removê-lo do poder, antes do término do seu mandato constitucional, em 15 de março de 1990. O presidente acredita que parte do processo de aceleração da taxa de inflação tem origem nessas ações para desestabilizar o seu governo.

Sarney fez esses comentários, em tom de desabafo, na última sexta-feira, em Punta del Este, em entrevista a emissoras de televisão brasileiras. Ele participava de uma reunião de presidentes latino-americanos.

Ao fazer considerações sobre o quadro "paradoxal" da economia brasileira, que passa por uma conjuntura de alta inflação com taxas de desemprego "baixíssimas, quase residuais, de 3,8%", o presidente afirmou: "Em grande parte, essa taxa reflete um clima de instabilidade política que é permanente".

Acrescentou: "Forças, no Brasil, permanentemente tentam desestabilizar o governo". Para exemplificar, indicou aquilo que, habitualmente no Palácio do Planalto e no Ministério da Fazenda, se classifica de "boato das quinta-feiras" — operações especulativas nos mercados de capitais movidas, geralmente, por rumores sobre decisões governamentais que nunca se concretizam.

"Veja-se o que se pode chamar no Brasil de 'o boato das quinta-feiras': que vai ter congelamento, que o governo vai mexer na caderneta de poupança..." Nessa altura, o presidente

foi interrompido por um jornalista que quis saber a quais "forças" ele se estava referindo.

Sarney prosseguiu, no mesmo ritmo: "... Que o governo vai mudar as regras do jogo. Enfim, é uma tentativa permanente de desestabilização, de forças, umas interessadas na especulação, outras interessadas no poder e que, de certo modo, perseguem esse caminho que é uma coisa impatriótica".

"Mas eu disse, ao sair do Brasil: eu vou terminar o meu mandato até o último dia, ninguém vai virar a mesa. Eu... o meu mandato é intocável. Eu acho que as forças que desejam qualquer mudança e fórmulas são forças que estão trabalhando contra a Constituição, contra a legalidade e contra a estabilidade do País. Portanto, eu vejo o pacto como uma providência de unidade nacional, de superação, ajudar a superar os nossos problemas", concluiu.

A entrevista do presidente da República, na versão oficial divulgada pela agência Radiobrás, empresa estatal, não contém os trechos mais enfáticos do que ele disse às emissoras de televisão brasileiras, na sexta-feira, sobre sua crença nas tentativas para uma eventual desestabilização do governo. Carlos Henrique, porta-voz da presidência, informou que "ponderarei ao presidente que ele já havia dito isso antes e, como notícia, não era um fato novo. Ele aceitou minha ponderação. A versão oficial, portanto, é a versão correta, distribuída pela Radiobrás", disse. Frases e palavras foram suprimidas no texto final da entrevista divulgada pela Presidência da República.

## Sarney promete pôr ordem na casa

O presidente José Sarney, em seu programa de sexta-feira, "Conversa ao pé do Rádio" voltou a afirmar que concluirá a transição com ordem na casa e que terminará o seu mandato entregando o governo a seu sucessor. Segue integral, de parte, do programa: "Agora, minha palavra final. É uma palavra sobre política: viajei do Brasil ouvindo declarações de conhecidos inimigos da tranquilidade do País que criaram problemas no passado, problemas esses

que o Brasil teve que sofrer bastante. Eles agora pregam a saída da legalidade através de fórmulas que no fundo são fórmulas para rasgar a Constituição e as leis. Como tenho sido o maior democrata, tolerante e patriota, quero afirmar que não se deve confundir responsabilidade com falta de decisão. Essas fórmulas que visam atentar contra a Constituição, os mandatos, a estabilidade do governo, serão rechaçadas com a maior energia.

Quero repetir aquilo que disse na minha saída: ninguém vai virar a mesa até o último dia do meu mandato. Terminarei o meu mandato entregando o governo ao meu sucessor, porei ordem na casa e concluirei a transição. Se temos problemas, vamos vencê-los. Meu mandato é intocável — não por mim, não tem nada de pessoal, mas pela democracia, pela tranquilidade do País e pela Constituição. Muito obrigado às brasileiras e brasileiros."

mento positivo do Brasil, nós teríamos um crescimento negativo na América Latina. Então há dentro desse processo histórico alguma coisa mais profunda. Por exemplo, a Argentina, nos anos 30, tinha uma renda per capita maior do que a Itália. O Brasil, nos anos 50, tinha uma renda per capita mais ou menos igual à do Japão. Não tínhamos nenhum país do continente com renda per capita menor ou inferior a alguns países da Ásia, que hoje estão numa fase de grande desenvolvimento. Então a América passa por um processo de regressão. A indagação é esta: onde, como e porque o continente está atravessando uma situação desta. Nós estamos mergulhados no narcotráfico, na guerrilha, nas fórmulas populistas primárias, estamos sendo cercados pelo protecionismo, ao mesmo tempo atacados pelos baixos preços das matérias-primas: então mesmo tempo não conseguimos internamente uma integração maior. Daí porque tive oportunidade de dizer que identificava hoje a integração latino-americana não como uma bandeira política, mas certamente como uma necessidade que na verdade a América tem de entrar na economia dos conjuntos, para que possa se modernizar. Ela tem que, imediatamente, encontrar esses novos mecanismos. Para isso é necessária uma mudança profunda que vai atingir a parte jurídica também, deve atingir a parte de trocas comerciais. Eu também concordo que nós temos tido muita retórica e pouca ação.

**Pergunta: Presidente, justamente em cima desta questão da maior unidade latino-americana, isto tem muito da marca pessoal do senhor e dos presidentes Sanguinetti e Alfonsín. No ano que vem teremos eleições nos três países. A partir daí, o que pode mudar ou que pode manter essa unidade?**

**Sarney:** Eu acho que a idéia foi colocada. No princípio é o Verbo. Com a segunda reunião, aqui, do Grupo dos Oito, acho que avançamos muito esse ano que passou. Hoje acho que a integração Brasil-Argentina já é uma realidade, embora nós tenhamos um campo muito maior para cada vez mais avançarmos. Com o Uruguai, da mesma maneira. Os nossos acordos com a Bolívia, Venezuela levam a uma direção cujo objetivo é conseguir o mercado comum latino-americano. Acho que essa idéia nasceu, está presente e não vai parar mais. Qualquer presidente que assumir não terá condições de recuar neste caminho. No caso do Brasil, a pregação pela unidade foi tão forte que durante o período da Constituinte acabou se transformando num texto da própria Constituição.

**Pergunta: O sr. vem defendendo uma redução do estoque da dívida. É uma posição semelhante à do presidente francês. Essa atitude francesa é um sinal concreto de que os**

**países ricos estão mudando de opinião em relação ao tratamento da dívida?**

**Sarney:** Acho que é uma posição que devemos não só louvar, mas também apoiar. É avanço muito grande, porque o presidente de um país desenvolvido, com uma grande liderança mundial, que põe o problema da dívida também sob aspecto político. Nós não fizemos outra coisa desde o início do meu governo se não defender que a dívida tem o lado financeiro e o lado político. Esta foi uma tese levantada pelo Brasil. Quando falamos a primeira vez sobre este assunto fomos rechaçados, que a dívida era apenas um problema de contabilidade financeira. Hoje, todos reconhecem que a dívida tem um lado político. A proposta do presidente Mitterrand vem justamente consagrar esta tese. Acho que devemos apoiá-la e incentivá-la. Também estão surgindo outras fórmulas como a apresentada pelo Japão nesta direção. E o primeiro desses indícios surgidos foi quando o senhor Baker, que era o secretário do Tesouro dos EUA, na reunião do FMI em Seul, lançou o chamado plano Baker, que não era mais nada que o abandono daquela posição que eles tinham de rigidez. Por outro lado, o FMI, agora mesmo em Berlim, em seus documentos, o Banco Mundial na mesma linha, reconhecem que a dívida tem que ter um tratamento diferente. Esse tratamento tem que passar inevitavelmente pela diminuição do estoque da dívida.

**Pergunta: Presidente, todos os países aqui reunidos têm muita coisa em comum na área dos problemas. Mas alguns deles fizeram pactos internos para superar suas dificuldades. O que da experiência deles pode servir para o Brasil, que neste momento elabora um pacto interno?**

**Sarney:** Acho que a democracia moderna tem sido uma democracia compactuada. O exemplo da Espanha é o de um pacto vitorioso, que funcionou não só do ponto de vista político como também do ponto de vista econômico. Mais recentemente, o caso de Israel, que também conseguiu resolver seus problemas econômicos, pelo menos baixar bastante a inflação, através de um pacto feito entre as forças da produção (empregadores, empregados e o próprio governo participando). Temos um caso bem sucedido, o caso do México, com os acordos que vem fazendo. A Argentina também está tentando construir um pacto para superar seus problemas.

No Brasil, desde o princípio do meu governo, a primeira coisa que fiz foi alertar para a necessidade de um pacto político, e também para um pacto social. Infelizmente, não tivemos sucesso. As forças políticas não se sensibilizaram, também as forças produtoras, trabalhadoras não se sensibilizaram. O que houve foi uma radicalização de posições políticas,

que tem prejudicado de certo modo a solução dos problemas brasileiros.

Tenho dito e reafirmo aqui em Punta del Este: nosso maior problema é político. O Brasil tem estruturas econômicas íntegras. Paradoxalmente, neste instante em que estamos com uma taxa inflacionária altíssima, nós também temos os maiores saldos de balança comercial, estamos com as maiores safras agrícolas, estamos com crescimento da de-

## "O problema é político"

Segue íntegra da entrevista do presidente José Sarney, concedida na sexta-feira, em Punta Del Este, às redes de televisão Manchete, Globo e Nacional (Radiobrás). No final, o texto original da entrevista.

**Pergunta: Como o sr. vê a declaração do secretário de Estado norte-americano de que o governo norte-americano mudou de opinião em relação ao Grupo dos Oito. Isso fortalece os objetivos do grupo?**

**Sarney:** Acho que é uma posição construtiva. Uma vez que os Estados Unidos, no passado, tiveram uma posição de que o Grupo dos Oito se tratava de um grupo de confrontação, e nós nunca pensamos ter um grupo de confrontação, mas de concertação e de consulta. E acho que os EUA, sendo um grande parceiro da América Latina, um diálogo com os Estados Unidos é sempre importante para a discussão de nossos problemas.

**Pergunta: E a questão da dívida intra-americana, que o sr. chegou a abordar em seu discurso de ontem (quinta-feira): qual é a proposta, a idéia que o Brasil vai apresentar na mesa de negociações?**

**Sarney:** Primeiro nós identificamos o problema. Nós temos uma dívida entre nossos países — só no caso do Brasil, é maior que US\$ 3 bilhões e não podemos dar um tratamento prefe-

rencial, não podemos fazer aquilo que a Europa fez em relação aos países mais pobres da África. Porque estamos todos limitados pelas imposições do Clube de Paris, que não permite que se dêem concessões a qualquer devedor sem que os outros membros do Clube possam aprovar essas concessões. Isso está dificultando, de certo modo, o comércio intra-regional. Identifiquei ontem (quinta-feira) mesmo, no encontro com os presidentes, que um dos pontos fundamentais que temos de atacar na América Latina é o aumento de nosso comércio regional, porque não podemos ver a América Latina tendo apenas 4% de todo o seu volume de comércio feito entre nossos próprios países. Talvez aí esteja um dos pontos de vulnerabilidade do nosso sistema latino-americano.

**Pergunta: O sr. disse ontem (quinta-feira) na reunião com os outros presidentes que várias outras regiões do mundo conseguiram se desenvolver e o Brasil ficou na marginalidade porque não conseguiu esse acordo intra-regional. Por que na América Latina isso não sai do papel e vai para a prática?**

**Sarney:** Nós tivemos oportunidade de fazer análise sobre o que ocorreu e transformou o Continente num Continente que tem uma certa patologia do atraso. Porque enquanto em todos os continentes há um crescimento, na América esse crescimento não é maior ou menor, ele tem sido quase que uma regressão. Se não fosse o cresci-

manda de energia elétrica, taxas de desemprego baixíssimas, quase residuais, de três pontos oito (3,8).

No entanto, enfrentamos uma taxa de inflação altíssima, em grande parte, essa taxa reflete um clima de instabilidade política que é permanente. Forças no Brasil permanentemente tentam desestabilizar o governo. Veja-se o que se pode chamar no Brasil de "o boato das quintas feiras": que vai ter congelamento, que o governo vai mexer na caderneta de poupança...

**Pergunta: Que forças são essas, presidente?**

**Sarney:** ... que o governo vai mudar as regras do jogo. Enfim, é uma tentativa permanente de desestabilização, de forças, umas interessadas na especulação, outras interessadas no poder e que, de certo modo, perseguem esse caminho que é uma coisa impatriótica. Mas eu disse ao sair do Brasil: eu vou terminar o meu mandato até o último dia, ninguém vai virar a mesa, eu, meu mandato é intocável, eu acho que as forças que desejam qualquer mudança e fórmulas são forças que estão trabalhando contra a Constituição, contra a legalidade e contra a estabilidade do País. Portanto, eu vejo o pacto como uma providência de unidade nacional, de superação, para ajudar a superar os nossos problemas.